

O LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS

NUMERO IO.

Assignatura para Braga, anno.....1/600 rs.
" " " " as provincias.....1/840 rs.
Escriptorio da redacção rua Nova, n.º 43,
onde se recebem todos os annuncios e corres-
pondencias.

QUINTA FEIRA 14 DE NOVEMBRO.

Annuncios e communicados, por linha. . . 20 rs.
Repetições 10 " "
Folha avulso.....30 " "
Publicações litterarias 2 exemplares.
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872

Está em cobrança o importe do 1.º trimestre d'este jornal, e por isso rogamos aos snrs. assignantes de fóra da terra, o especial favor de o satisfazerem, ou por vales do correio, ou em estampilhas, dirigidas á redacção.

Por esta occasião, agradecemos aos dignos administradores dos correios de Vizeu, Vianna e Chaves, a summa delicadeza de que usaram para conosco, devolvendo-nos os jornaes que os destinatarios não quizeram receber.

Não podemos, porém, deixar de censurar o procedimento daquelles senhores, que receberam alguns numeros do «Liberal» e depois se negaram á recepção dos mais, sem terem a attenção de os devolver, e avisar para se suspender a remessa!!

AOS REACCIONARIOS.

A liberdade de imprensa, essa instituição nobilissima do systema liberal, longe de despertar, no empedernido coração dos fanaticos ado-

radores da treva absolutista, sentimentos briosos, parece que serve apenas para os nossos loucos adversarios insultarem, a bel-prazer, o governo e a dynastia.

Estes reaccionarios fatuos que contam no seu gremio um fraticida como Constante II, um infame como Pogonat, e uma fera como Tiberio III; estes renegados que impallidecem de susto ao contemplarem a luz esplendrosissima, que emana da liberdade; estes facinoras que brilham nas fulgentissimas e aureas paginas da historia como nuvem negra em céu de anil; estes algozes crudelissimos de Galileu, que erguiam votos ao Senhor enquanto as carnes da victima fumegavam na pyra inquisitorial; não fariam melhor se despissem a jaleca impostora e se prostrassem perante as aras do Omnipotente, pedindo perennes venturas para o paiz que lhes foi berço?

Quem vos disse que este brioso povo, tão amigo da liberdade, suspira pelas vossas utopias?

Que religião é a vossa? Sois catholicos-apostolicos-romanos, e incitais o povo á revolta? Por ventura a vossa religião, que é a nossa, ordena-vos que accendeas o facho da guerra civil entre um povo, que adora os seus reis legitimos, e que sabe votar profundo desprezo a um D. Miguel e outros de igual jaez?

Oh! se o Christianismo, essa perola candida e sem jaça, que tombou

das divinas mãos de Christo, essa pagina fulgurante aureolada de miragens sedutoras e verdadeiras, se o Christianismo, repetimos, ensinasse taes doutrinas, crêde, reaccionarios, crêde, falsificadores, que iriamos procurar no Alcorão melhores destinos, melhores lieções...

Mas não! o Evangelho do Christo, do divino e virtuoso Filho da Virgem, do que por amor de nós soffreu morte affrontosa, não encerra taes maximas — não diz ao pae: vae matar teu filho! — não diz ao filho: chicotea teu pae! — não diz ao povo: presta ouvidos a ambiciosos e fanaticos. Jesus Christo, todo amor, pureza e humildade, Jesus, que, nas vascas da agonia, pedia perdão para os seus algozes, não ensinou nunca essa moral depravada, que apregoaes nos vossos órgãos politicos.

Nas leis de Zoroastro, nas leis indianas, nas de Minos, nas dos Gallos e nas de Solon, onde se proclama infame o homem que não tem um amigo, onde o que tenta suicidar-se pode declalar-o ao archonte e morrer segundo a lei, é possivel que se respire o perfume que vos anima o cerebro; mas no Evangelho, n'esse livro divinamente sublime, não encontraes senão amor, pureza e humildade.

Para que tentaes, pois, á sombra da religião excitar o povo?

De duas uma: ou tendes a religião do propheta de Medina, ou não tendes nenhuma.

Mas nós somos catholicos, bradaes vós; pois bem, se assim é, deveis saber que existe inferno, e não deveis ignorar tambem que os fanaticos, os perjuros e os infames não teem outro logar além-túmulo; mas vós sois tudo isso e mais alguma coisa, logo, presados collegas, o reino de Satan é vosso; mas vós não receaes esse castigo, logo não acreditaes n'elle, logo não sois catholicos, logo sois hypocritas, logo...

E no entanto, esperançosos reaccionarios, apresentaes ao mundo a vossa divisa: Deus, Patria e Rei, como se ninguém vos conhecesse, como se a luz estivesse do vosso lado e a treva do nosso, como se a verdade estivesse comvosco e a mentira da parte opposta!...

Olhae, collegas, desde que o famoso Copernico demonstrou, clara e brilhantemente, a verdade do seu immortal systema, o ingenuo Ptolomeu ficou a perder de vista.

A Inquisição *santa* obrigou o pobre Galileu a retractar-se á força de mil torturas; mas resa a tradição que o pobre homem, ao sahir das marmoras inquisitoriaes, não pode conter-se, e soltou aquelle ingente — *E por si muove*.

Quer isto dizer: que, *malgré votre désir*, o mundo hade caminhar sempre, embora meia duzia de teimosos protestem desesperadamente.

Mas isto ainda não é tudo: a *san-tissima e innocentissima* Inquisição ca-

FOLHETIM

ESPURIOS.

Ao seu amigo Paes Villas-boas.

C. VIANNA.

(Continuado do n.º 9).

III.

Tendo chegado a este ponto da narração, Jorge interrompeu-se e deixou pender a fronte sobre o peito.

— Suspendes esse idyllio perfumoso? Deixas que o lindo pagem caia extasiado aos pés da bella castellã, e escondes no craneo a resposta da surprehendida senhora? Como és cruel, amigo Jorge!

— Enganas-te, Castanheda; é que n'esta historia narrada com todas as suas peripecias sentimentaes e ridiculas, n'esta narração assim esmiuçada estou sahindo dos limites que me propuz. E, demais, esta historia, assim contada, sabes o que me parece? — Hade parecer-te uma historia, nem mais, nem menos. —

— Não é isso, não é isso: similha Sancho Pança levando pelas re-deas o tolo do D. Quichote. —

— Pelo amor de Deus! que rela-

ção póde haver entre esta singelissima narração e o D. Quichote? —

— No ridiculo, meu amigo, no ridiculo não se parecem somente, confundem-se. —

— O ridiculo, sempre o maldicto ridiculo! Dize-me, Jorge: que haverá, n'este mundo planetario, que possa escapar-se ao teu famoso ridiculo? —

— Nada!.. —

— Pois que! a mãe que banha de lagrimas o seu filhinho, toira creança que brinca pelo mundo das candidas visões; a mulher que fita angustiada o homem, que lhe povoa a imaginação; o crente, que se rója aos pés da cruz, pedindo consolo e balsamo para uma dôr, que lhe lacerou o intimo d'alma; o desgraçado que se estorce nas vascas de uma agonia desesperadora, pedindo ás espheras, que por sobre elle gyram, uma palavra de esperança, uma palavra, uma phrase suavissima, que o mundo lhe nega; achas tu, creança descrente, que tudo isto é ridiculo? —

— Não, isso não é ridiculo, é no-gento, é asqueroso?.. Que ingenuidade a tua! pois tu crês n'esse amor materno? Julgas que um coração de mulher ou de homem, possa sentir esses effluvios que, com pesar o digo, refervem só no teu cerebro? Acreditas que possa existir um desgra-

çado como tu o pintas? Um homem que pede palavras ou phrases ás espheras não é desgraçado, é... tolo. —

— Por Deus, Jorge, tira dos labios esse sorriso ironico e responde-me com seriedade: que interesse, pergunto eu, poderá ter a mãe que contempla seu filho em dizer aos que a cercam: esta creancinha é minha, fui eu que a amamentei, sou eu que me delicio em beijal-a, em aconchegal-a junto ao meu peito, em fallar-lhe n'uma linguagem, que só eu e ella comprehendemos bem, sou eu tambem que me arripio toda quando presagio alguma nuvem negra, que venha toldar o céu limpido e rissonho do meu filho, do meu amor, da minha vida... Dize-me, Jorge, que é isto senão amor, que é isto senão uma amisade tão intima, tão forte que custa a conceber-se? E' a isto que tu chamas ridiculo? —

— Não; a isso que tu disseste chamo eu, e o mundo inteiro, — grande e intoleravel massada. Mas, perdão, não rias, que eu fallo serio, muito serio. Se me não engana a memoria, fallaste ahi em beijos, em caricias e não sei que mais. Olha, Castanheda, o mundo não é povoado por esses entesinhos sentimentaes que tu imaginas: o mundo encerra apenas algozes infames. O primeiro algoz foi Adão. A natureza disse-lhe: «fui eu que te creei, fui eu que te colloquei

n'este jardim maravilhoso, que te extasia; mas não julgues que tudo isto que vês, te offereço francamente. E' preciso que te dediques a um fim, e esse será: enganar as gerações por vir, sorrir-lhes paternalmente e depois o mundo fará o resto. Para a realização d'esse grande fim heide dar-te uma formosa companheira, a qual, assim como tu, terá de sujeitar-se a esta restricçõesinha. Com esta condieção é teu o mundo». Ora este segredo foi-se transmittindo de geração a geração, e eis porque a mãe acalenta o filho, porque... —

— Muito bem, Jorge, muito bem! interrompeu Castanheda, rindo doidamente. Fico sabendo que tens fortissima vocação para contar historietas prenhes de disparates. Do que me contaste só posso tirar uma conclusão que é: quanto mais te esforças por demonstrar a tua descrença, tanto mais abres o teu joven coração para a crença. —

— Muito bem! digo eu agora. Seria bom que me provasses a força d'essa tua conclusão. —

— Para que?... Olha, conta-me a historia do bardo mysterioso, e depois fallaremos. —

Jorge deu um geito ao bigode, sorriu desdenhosamente, e continuou assim:

(Continúa).

hio, e o systema grandioso de Copernico ficou; mais tarde, porém, appareceu o atrevido creançola chamado Pelletan, e começou a dizer coisas do arco da velha a ponto de transtornar a essencia physiologica do craneo de todos os reaccionarios d'este mundo e do outro.

Le monde marche! disse o arrojado propheta — *elle dormirá um dia, bradaram os imperantes do passado, e então despertaremos nós.* E crentes, como qualquer mahometano, aguardam, não silenciosos, infelizmente, o somno de *sir mundo*, como os judeus o seu Messias.

Mas o mundo hade caminhar sempre, embora meia duzia de teimosos protestem desesperadamente.

AÇAFATE EUCHARISTICO.

Em o ultimo numero do nosso periodico fallamos, com summa affabilidade, do *Açafate Eucharistico*, parto preciosissimo de um reverendo bracarense, que, seja dicto em abono da verdade, envergonha (litterariamente fallando) a classe de que faz parte.

Este padre sapientissimo que passa o tempo a confessar *sanctas beatas*, gente que, em o nosso humilde pensar, não transporá jámais as portas do Reino do Céu, este reverendo, denodado e estrenuo defensor do Senhor D. Miguel Junior, que teve a petulancia de lançar em plena praça um livro, de orações e contos religiosos, prehe de monstruosos disparates, é digno, muito digno, de uma liçãozinha.

N'esta epocha triste e perigosa que vamos atravessando, n'este seculo desmoralizado e sceptico que tem dado á luz um *hereje* como Pelletan, um blasphemo como Byron ou Musset, n'este seculo impetuoso e indifferentista em assumptos graves, qualquer obrasinha, que appareça, é examinada com toda a precaução e paciencia; mas o tal padre, em questão, desconhecendo estes factos incontestaveis ou, talvez melhor, interpretando-os de um modo originalissimo, entendeu (Deus sabe com que bullas) que o unico meio de salvar a sua miseravel producção era: baptisal-a com um titulo ridiculo de força capaz a despertar a gargalhada a um cadaver.

E como a primeira coisa que lhe occorresse não fosse novidade nenhuma, entendeu o nosso homem que chamando ao seu livro — *Açafate*, fazia, ao mesmo tempo, ainda que indirectamente, um aviso ás suas con-

fessadas, cujo aviso, bem interpretado, reverteria, mais tarde, em favor da sua mais preciosa e adorada visceral — do estomago...

Mandae-me *açafates* de pasteis de Santa Clara, diria elle em linguagem de seraphim guloso, e eu vos enviarei, em troca, um recheado de gallicismos e de coices grammaticaes.

E as suas bellas confessadas, creaturas quasi celestes, ouvindo a voz da augusta sybilla, e sentindo o palpitante ingente do reverendissimo estomago, talvez satisfizessem o oráculo.

O futuro se encarregará de nos dizer se o vaticinio do digno padre, foi ou não cumprido.

Mas, usando da seriedade que o caso exige, permittam os nossos amaveis e benignos leitores que chamemos á nossa presença o auctor do *Açafate*, para lhe fazer-mos um pequeno e suavissimo interrogatorio.

Aproxima-te, padre reaccionario, e dize-nos: estavas em pleno uso das tuas faculdades, quando escreveste aquelle nauseabundo titulo? Não sentiste um sorriso assomar aos teus immaculados labios, quando a mente te inspirou essa palavra doce como o bramir do simún, suave como um pio d'ave nocturna? Pois tu, sacerdote de uma religião tão seria, tão divina, tu, padre, não estremeceste, não vacillaste, não sentiste cahir-te das mãos a penna quando escreveste, quando imprimiste, no pacientissimo papel, esse titulo ridiculo como um brahmane em horas de meditação? Tentas, talvez, deffender-te allegando que o escreveste com a mais pura das ingenuidades terrestres? Se assim é, padre, perdoamos-te; mas fica sabendo que de taes ingenuos está cheio Rilhafolles.

Mas não, tu, segundo o teu raciocinio, és um sabio, e, *par consequense*, peccaste com conhecimento de causa; logo és digno da nossa censura, logo és mau.

Passemos agora de um salto por cima do titulo, e abramos o teu *Açafate* a paginas 257, por exemplo.

« Nada ha mais alarmaute para certas almas piedosas, do que o temor levado a excessos da condemnação».

O padre! onde foste buscar aquelle *alarmante*? Pois não vias, não comprehendeste sequer que um gallicismo tão estúpido, não foi nunca auctorizado por ninguem? Não tinhas na nossa lingua palavras verdadeiramente portuguezas, para te exprimir o intrincado pensamento? Assustar, sobresaltar, etc., etc., deixaram, por ventura, de ser verbos portuguezes? Bem se vê, que és francez em tudo.

meios de cultivar a botanica e a arboricultura, tanto em Paris como nas suas terras de Gâtinais.

Publicou numerosas e importantes obras, escriptas com muita sciencia, que lhe deram um dos lugares mais honrosos entre os primeiros naturalistas do seculo preterito.

Era inspector de marinha, membro da Academia das Sciencias de Paris, da Sociedade Real de Londres, e de muitas outras academias estrangeiras.

Empregou os seus dias no aperfeiçoamento dos conhecimentos relativos á agricultura, á marinha, ao commercio, e ás artes mechanicas. Enriqueceu as sciencias cosmologicas com muitas observações novas. Era tam modesto quanto sabio. A modestia anda quasi sempre a par dos homens verdadeiramente profundos no saber humano: a soberba e a jactancia é das intelligencias curtas ou mediocres.

As principaes obras de Duhamel são:

Continuemos. A paginas 261 lê-se: « A bondade, o poder, a vontade de fazer bem são motivos *os mais poderosos* para nos inspirar confiança».

Aquelle *os mais* assim collocado, digam lá o que quizerem, cheira-nos a gallicismo de construcção.

Continúa o padre: « Pois bem: imaginae um só d'estes motivos que os não encontreis em Jesus-Christo, e d'um modo sobre-eminenté».

Ou nós somos muito estúpidos, ou essas tres linhas, que ahí ficam, estão miseraveis, portuguez-mente fallando. O que o padre quer dizer na sua sabemos nós; mas que lhe não chegou a lingua, claramente se conhece.

Faltando-nos tempo para mais, deixaremos, até ao numero seguinte, em paz o auctor do — AÇAFATE EUCHARISTICO.

O OLHO VIVO.

Alem de darem dinheiros por letras, com as usuras e artimaubas já relatadas, nos precedentes numeros d'este jornal, passado algum tempo, começam por seduzir o pobre credor, que é papalvo, com promessas riso-nhas, para que as letras se reduzam a uma escriptura. Tratam-no com muito carinho, recheam-lhe o estomago e fazem-lhe mil promettimentos na apparencia vantajosos, sendo um d'elles, e a melhor isca, o de nunca lhe pedirem o capital, uma vez que sejam emboçados pontualmente dos juros. Foi bem lançada a rede, a pesca é certa!

Olho vivo! que venturoso tu és!

O credor está prompto para o holocausto, os bonzos preparam o altar!... Sommam-se pausadamente as importancias das letras, que, acalentadas pelo fogo *sacro*, sobem instantanea e invisivelmente (para a victima) a uma altura consideravel; tiram-se diversas provas, fazem-se varias operações, e, a final lavra-se o fatal — Saibam quantos — que o credor firma francamente, sancionando tudo n'elle escripto, custando-lhe apenas a engulir a pilula do augmento; mas que duas palavras ditas pelos bonzos são bastantes para fazel-a passar do esophago. Está tudo concluido. Lá vão todos adoçar a bocca ao desgraçado, dando-lhe uns biscoitos e um gole do fino, e depois pespegam-lhe um rigido aperto de mão, quando não vai um abraço; dizem-lhe duas finezas, e elle, o papalvo, comendo tudo deixa-os com saudades! Judas vendidos, como sois felizes!..

« *Traité des arbres et arbustes que se cultivent en France en plene terre* » 2 volumes em 4.º, publicado em Paris, em 1755.

« *De la Physique des arbres* », obra prima de Duhamel, em 2 volumes, publicada em 1758. N'ella está compilado tudo o que antes d'elle tinham dito Malpighi, Crew, Hales e Bonnet. O merito especial d'esta obra consiste nas minuciosidades concernentes á estrutura, anatomia e physiologia das plantas.

« *Des semis et plantations des arbres et de la culture* », obra em 4.º, publicada em Paris, no anno de 1760. Menos notavel do que a antecedente sob o ponto de vista scientifico, é d'uma grande utilidade pratica: é um thesouro riquissimo de observações e preceitos justos e applicaveis.

« *De la exploration des bois ou Moyen de tirer parti des taillis, demi-futayes et hautes futayes* », publicação feita em Paris, em 2 volumes, em 4.º, no anno de 1764.

Lá está a manifestar-se o credito, que instantaneamente triplicou: lá se registra na conservatoria: está a preza segurissima, nada ha que receiar.

Agora já se levanta o véo da hypocrisia; cospe-se na face da miseria, e suga-se, traiçoeira e vilmente, o sangue do infeliz, cahido nas garras dos féros leopardos.

As letras reduzidas, a escriptura, tornam a apparecer, por encanto, como os sapinhos no verão! Hoje uma, d'aqui a um mez outra, e assim successivamente até á ultima; e o pobre do desgraçado devedor, vê-se opprimido com execuções, por dividas, que, realmente, não deve: vê a sua casa arruinada; sua familia sem pão, e elle sem forças para adquiril-o!..

Manoel José da Maja e familia, lavradores honrados, de S. Mamede de Este, são uns, segundo dizem, dos taes papalvos, que, pela sua boa fé e ignorancia, se deixaram carpiar, n'aquelle genero, perfeitamente! Olho soberbo! como és ditoso!!

(Continuaremos).

NECROLOGIO.

Oh immatura morte, que a ninguem de quantos vida tem jámais perdóas!

(Camões — Ecloga 2).

Mais uma alma vôou ao vosso seio, meu Deus: mais um corpo baixou á terra!

Manoel José de Carvalho ainda hontem, com o genio jovial que lhe era peculiar, sorria á numerosa familia que o cercava, fazendo a ventura e alegria do lar domestico, e já hoje pésa sobre elle a terra humida do tumulo! Meu Deus! como tam rápido se apaga no livro da vida um nome! Onde ha pouco a ventura dispartia os seus beneficios, e chovia os seus doirados sorrisos, senta-se hoje, com semblante tristonho, o pallido e negro anjo do sepulchro. Onde ha pouco havia galas, prazer e esperanza, ha agora luto, lagrimas e desespero.

Semelhante ao furacão, que assola e devasta tudo por onde passa, deixando por vestigios ruinas e desolação, assim a implacavel morte, com a sua terrifera face, erifa as existencias, que nos são mais caras e de mais mister na terra.

Quando os filhos de Manoel José de Carvalho, que, em longiquas plagas, adquirem, com o trabalho probo, a subsistencia para a ultima qua-

« *Du transport, de la conservation et de la force des bois* », em 4.º, publicação feita em Paris, em 1767.

Como inspector de marinha, Duhamel dedicou-se tambem a procurar tudo concernente á conservação das madeiras de construcção naval. Acclimou em França, e fez n'ella conhecidas, muitissimas especies americanas. Sobem a mais de mil as especies e variedades ennumeradas por Duhamel, tomando por base a nomenclatura de Tournefort. E' para lamentar que não tivesse seguido a nomenclatura que Lynneu fez nas suas « *Species Plantarum* », dadas á luz da publicidade dois annos antes.

Devem-se tambem a Duhamel mais algumas obras sobre botanica, e agromonia, e tratados industriaes.

Eis em breves, mas completos traços, a biographia do eminente e popular naturalista francez.

Braga, 12 de novembro de 1872.

NARCISO ALBERTO DE SOUSA.

FOLHETIM.

DUHAMEL DU MONCEAU

(*Escoço biographico*)

Henrique Luiz Duhamel de Monceau, um dos mais celebres botanicos de França, nasceu em Paris, em 1700.

Fez poucos progressos no collegio de Harcourt, onde esteve. As grandes intelligencias são muitas vezes morosas no seu desabroamento; assim o comprovam as biographias de muitos homiens notaveis; apontaremos como exemplo — Balzac.

Duhamel, tendo propenso gosto pelas sciencias naturaes, e vendo que no collegio eram ensinadas com pouca proficiencia, foi habitar proximo do Jardim das plantas, e locupletou-se ahí com as lições de Dufay e Bernardo Jussieu.

As suas riquezas facilitaram-lhe

dra da vida, aneivavam por vir abraçá-lo, arranca-o da terra a mão gélida e potente da morte!

Manoel José de Carvalho contava 55 annos: era negociante que tinha por divisa a — honradez; em todos os seus contractos era recto, pontual e escrupuloso. Pertencia ao partido legitimista; mas possuía numerosos amigos no partido liberal, porque as suas convicções não insultavam as convicções do partido contrario. Afferrado á sua causa, sabia fazer-se respeitar e bemquerer por todos que conheciam as nobres qualidades que o illustravam. O affecto da amizade soube elle progalisal-o fartamente. A todos contristou a morte quasi repentina d'este estimado cavalheiro, e acreditadissimo negociante.

Acompanhamos a sua esposa e filhos na sua pungente dôr, e ao throno do Altissimo endereçamos as nossas preces pelo eterno repouso de tam bem formada alma.

A terra te seja leve, meu presado amigo. Recebe este ramo de violetas rociadas de lagrimas, que, em testemunho da amizade que nos ligava e como ultima dadiwa, te offerece o teu verdadeiro amigo.

Braga, 1 de Novembro de 1872.

Filippe Joaquim de Sousa.

ADEUS!

Esquecer-te? não posso bem sabes, virgem embora sorrindo tu zombes de mim embora nos labios d'um homem perverso eu veja poisados teus de carmin.

Embora embebida no fogo da dança te veja com elle contente a valsar, embora em delirio tu digas bem alto «na vida, a este homem, só heide eu amar...»

Mas não; impossivel... não quero mais ver-te; a negra cicuta me dêste a beber... irei bem distante nas terras longinquoas saudades pungentes, qual matyr soffrer.

Que Deus não permita, que os ledos encantos que tem tua vida na quadra mimosa te fujam depressa, deixando somente lembrança cruenta, fatal, horrorosa...

Que Deus não permita, que tu n'esta vida um dia conheças o agro soffrer, que libes a raça d'amarga cicuta que, ora, sorrindo me dêste a beber!...

Mas olha, o remorso, fantasma medonho espectro terrivel, imagem d'horror, sempre hade seguir-te, fallar-te e dizer-te: — terás um futuro de palida côr! —

E tu, vacillando, sem rumo, perdida em mar tormentoso de mil illusões em muitos sorrisos, julgando ventura, verás amargura... ciladas... traições...

NOTICIARIO.

Os alumnos do nosso lyceu nacional e os do curso triennial do Seminario diocesano, coadjuvados por alguns dos mais respeitaveis cavalheiros d'esta cidade, deliberaram festejar, com a condigna pompa, o dia memoravel do 1.º de Dezembro, anniversario da restauração portugueza.

E', na verdade, digna de grandes encomios a nobre resolução da illustre classe academica. Um dia que tão luminoso fulge nas paginas da historia patria, não deve ser obliterado nos corações portuguezes.

A commissão constituida para tal fim, é composta d'alguns dos mais distinctos estudantes dos dois estabelecimentos de instrucção publica:

Presidente — Manoel José Gonçalves Preza, alumno do 3.º anno do curso triennial do Seminario.

Vice-presidente — Luiz Manoel Marques, alumno do 2.º anno do curso triennial do Seminario.

1.º Secretario — Narciso Alberto de Sousa, alumno do 6.º anno do Lyceu.

2.º Secretario — José Antonio Vieira Marques, alumno do 3.º anno juridico da Universidade.

Thesoureiro — José Gomes d'Araujo Alvares, ex-alumno do Lyceu.

Vogaes:

Antonio d'Ohveira Gomes, alumno do 1.º anno do curso triennial do Seminario.

Antonio Joaquim da Silva, alumno do 1.º anno do curso triennial do Seminario.

Alexandre de Sousa e Silva, alumno do 5.º anno do Lyceu.

Antonio Augusto Peixoto de Lima, alumno do 2.º anno do curso triennial do Seminario.

Antonio Augusto da Silva Ramos, alumno do 4.º anno do Lyceu.

Publicaremos, no nosso numero seguinte, o programma dos festejos, que, por falta de espaço, não publicamos hoje. Devem de ser brilhantes.

Na segunda feira ouvio o regimento de infantaria 8 uma missa pela alma do nosso chorado monarcha D. Pedro V.

N'esse dia trajavam luto os paços dos nossos reis, e uma lagrima de pungente saudade humedeceu as faces de muitos portuguezes.

Joven ainda, quando o futuro lhe sorria por entre o prisma de seus verdes annos, D. Pedro baixou ao tumulo de seus maiores, deixando o paiz, que sollicitamente administrou, envolto no manto negro d'uma saudade perenne.

Descança em paz bondoso principe! Hão-de os annos passar, por sobre a lagea que te esconde, e sempre uma saudade mais viva se aposará d'esta nação, que tanto adoraste.

Dizem que o chefe do «OLHO VI-VO» anda preocupadissimo com os tempos.

Affirmam que o chefe das tratantadas mandara reunir os seus associados e, n'um tom de voz horrendo e grosso, semelhante ao *archi-inimigo* de Milton, assim fallou: Socios meus, e meus confrades! as nossas invictas e ignotas ladroeiras estão descobertas... os nossos inimigos, com olhos de aguia fitos sobre nós, espreitam nossos innocentes manejos, e, por *consequencia*, é preciso pensar n'outros meios mais fortes para levarmos ao fim a nossa empresa... (um dos socios espirra, e murmura não se sabe o quê) proponho, pois, que saiamos a campo de vizeira erguida e bacarmarte nas mãos...

Em virtude d'este discurso a sociedade trabalha... Aguardamos novas ladroeiras.

O doutor das *Novidades* chama á *Nação* sua irmã mais velha, e diz seguir o seu exemplo, e ella, dizem, chama-lhe o seu — le moi petit enfant.

As *Novidades* e a *Nação* a pucharrem a um... chinello devia ser coisa digna de ver-se!! Santa gente!

Ao collega do *Diario da Tarde* agradecemos em extremo não só a delicadeza de que usou para conosco, transcrevendo um dos nossos artigos, mas tambem as lisongeiras e, por sem duvida, immerecidas phrases, que nos dirige.

Rogamos ao exm.º snr. governador civil, para que faça morigerar o seu continuo Duarte, pois costuma tratar grosseiramente quem tem a precisão de entrar no seu gabinete, e mesmo fóra d'ella, talvez persuadido que é algum — Porta-machado antigo.

Um empregado publico deve ser jovial e bem educado, e não insolente e maleriado.

Varias pessoas se nos teem queixado, e por isso esperamos que s. exc.ª em extremo delicado, como é, providenciará, para que o seu porteiro ou continuo, não seja insolente.

Na verdade é custoso que um individuo vá a qualquer repartição publica, por precisão, falle com os superiores e seja bem tratado, e receba grosserias e maus modos dos subalternos.

O mesmo costume ha na recbedoria d'esta cidade. Diversas pessoas nos teem contado que indo ali ou em serviço, ou para pagamentos, são tratadas com modos pouco agradaveis, quando aliás ellas usam da maior delicadeza, ás vezes em demasia, para com o snr. recbedor.

Isto não é bonito; e em vez de sympathia adquire-se uma antipathia geral ou uma celebridade pouco lisongeira.

Terça feira pelas 10 horas da noite, deram as torres signal de incendio, que se havia manifestado n'uma casa d'alem da Ponte de S. João.

Pontualmente acudiu a nova companhia de bombeiros, que, seguindo o exemplo do seu digno commandante, não se importou com a distancia, apesar de ser fóra das barreiras. Honra lhe seja feita.

Melhor informados, declaramos que a noticia, que, em um ultimo numero d'este jornal, demos com relação á irmandade das Almas de S. Lazaro, não foi muito exacta, pois o digno juiz d'ella, fez reunir meza, e syndicando do facto, soube que na venda apenas entraram dous rapazes com as opas que uns irmãos lhes haviam dado para, conjunctamente com o caixão, conduzirem á egreja.

Foi por decreto de 17 d'Outubro ultimo, agraciado o snr. padre Antonio Francisco d'Almeida Coutinho, digno reitor do seminario de S. Caetano, d'esta cidade, com o privilegio de conego honorario.

O snr. Almeida Coutinho é um sacerdote exemplar e digno de todos os encomios; foi portanto a sua nomeação um acto que honra o governo.

Falleceu n'esta cidade e foi depositado no cemiterio publico o honrado liberal Amatuci.

Foi acompanhado á ultima morada por grande numero de cavalheiros, fazendo-lhe as honras funebres uma força do regimento n.º 8.

Os sicarios do — Olho vivo — vão fazer greve, para pedirem augmento de ordenado, allegando que são pouco remunerados os seus relevantes serviços, e que os lucros, d'elles auferidos, são enormissimos.

Se assim é teem razão.

Pergunta-se ao illustre doutor das *Novidades*, quem foi que lhe deu procuração para o representar nas suas felicitações do n.º 12, dirigidas a tantos Augustos, que estão com — Deus, Patria e Rei? — Doutor de antes que-

brar que torcer! sauda o teu chefe, e pede-lhe que te faça seu conselheiro-mór!...

Domingo ultimo deu entrada nas cadeias d'esta cidade, vindo de Salamonde, aonde foi prêsso, um terrivel assassino, assombro dos povos de Traz-os-montes. Consta-nos que o sr. José Carlos d'Araujo Motta, fóra quem affectuara a prisão, auxiliado pela força de fiscalisação. E' isto um grande serviço que o sr. Motta prestou áquelles povos.

Por achar-se já impressa a quarta pagina, publicamos n'este logar os seguintes annuncios:

Arrematação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, no dia 17 do mez corrente, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judiciario, no largo do Paço, tem de andar em praça 142,200 litros de vinho fervido, que corresponde a 6 almudes da antiga medida, avaliados já com o abatimento da quinta parte, em 1:152 rs.

474 litros de vinho, que correspondem 20 almudes da antiga medida, com o abatimento da quinta parte, em 14\$400 rs.; penhorado tudo na execução de sentença que o execuyente cessionario Francisco Antunes, da freguezia de Tenões, promove contra Manoel José d'Oliveira, do Bom Jesus do Monte, e outros. (35)

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão-ajudante Simão d'Araujo Esmeriz, no dia 24 do mez corrente, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, no largo do Paço, tem de andar em praça e arrematação os bens penhorados a Francisco José Ferreira, viuvo, da freguezia de Cabreiros, na execução de conciliação que pelo dito cartorio lhe promove Manoel José da Rocha, da freguezia de Sequeira, como cessionario de Francisco Martins, da predita freguezia de Cabreiros, cujos bens são os seguintes:

Leira do campo de cima, sita no logar das Naviças, freguezia de Cabreiros, que confronta pelo Nascente, por marcos, com propriedade de João José Lopes, pelo Poente com o caminho e servidão dos campos de Souto-rio, pelo Norte com o caminho dos campos, e pelo Sul com o ribeiro que vem de Chancellá: foi avaliada em 144\$852 rs.

Quem n'ella quizer lançar póde comparecer no predito dia, hora e local.

O procurador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (36)

AGRADECIMENTOS

Julia Henriqueta Barboza, Emilia Candida, e José Gonçalves Gouvêa, na impossibilidade d'agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os, por occasião do fallecimento de sua sempre chorada filha, irmã e enteada, Candida Emilia, vem por este meio significar-lhes a sua sincera estima e gratidão.

Aproveitam igualmente esta occasião para agradecer do coração á banda regimental, e á nova companhia de incendios, a fineza que lhes fizeram, acompanhando o cadaver da finada á sua ultima morada.

Os abaixo assignados, não podendo pessoalmente agradecer a todas as pessoas, que os cumprimentaram e assistiram aos resposos de sepultura, que tiveram logar no cemiterio das Flores, na tarde de 4 do corrente, por alma da sua sempre chorada filha, irmã e sobrinha, Maria da Torre Duarte Costa, veem por este meio patentear o mais perenne e leal reconhecimento.

Maria das Dores Duarte Graça Costa.
José Maria Duarte Costa.
Custodio Augusto Duarte Costa.
Maria Filomena Duarte Costa.
Domingos José Fernandes.
Maria do Sacramento Moreira D. Graça.
Izabel Joaquina Roza Duarte Graça.

ANNUNCIOS.

CAFE' AGUIA D'OURO.

Abriu-se o novo café—AGUIA DE OURO, sito na esquina da rua das Aguas. O publico encontrará n'este novo estabelecimento varias bebidas e todas de excellentes qualidades. (10)

O proprietário do Café — AGUIA D'OURO—tem para vender um bilhar, mezas, e varios objectos pertencentes a botequim.

Quem quizer comprar alguns d'estes objectos pôde dirigir-se a casa do mesmo, na rua das Aguas. (11)

Arrematação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, tem de andar em praça, no dia 1.º de Dezembro, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial no largo do Paço, as propriedades penhoradas a D. Maria Leopoldina Carneiro Leite, viuva, da freguezia e comarca da povoia de Lanhoso, na execução de sentença que lhe promove a gerencia do Banco do Minho, d'esta cidade, cujas propriedades são as seguintes:

O Fundão, terra lavradia, produz pão e vinho, avaliado em 444\$000 rs.

O campo do Enxido, terra lavradia, produz pão e vinho, avaliado em 170\$000 rs.

O campo do Pateiro, terra lavradia, produz pão e vinho, avaliado em 350\$000 rs.

A propriedade denominada o Pradinho, terra lavradia, produz pão e vinho, avaliada em 140\$000 rs.

São todas de natureza aludial, e situadas nos suburbios da villa da Povoia de Lanhoso.

Quem nas mesmas quizer lançar pôde comparecer no dito dia, hora e local.

O solicitador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (33)

Editos de 30 dias.

Por este juizo e cartorio do escrivão Ribeiro, a requerimento de D. Fortunata Julia d'Araujo, viuva, correm editos de 30 dias, que comecem em 7 do corrente mez, para chamar toda e qualquer pessoa, que se julgue com direito á herança do fallecido seu marido Miguel Augusto da Trindade, morador que foi com a requerente, na rua da Boavista d'esta cidade, afim de comparecerem na 2.ª audiencia d'este juizo, posterior á dita citação edital, que ha-de ter

lugar, no dia 12 do proximo futuro mez de Dezembro, e ahí lhes tem de ser marcadas 2.ªs audiencias, para oppor o que tiverem, com a pena de revelia e lançamento, cujas audiencias se fazem no Paço Archiepiscopal d'esta cidade, ás 10 horas da manhã, nos dias segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo sanctificados.

O procurador,

Antonio José Borges. (34)

Manoel José Fernandes, mestre sapateiro, d'esta cidade de Braga, participa aos seus freguezes, que mudou o seu estabelecimento da rua de S. Vicente n.º 2, para o Largo dos Penedos n.º 18 a 18 A, 19 e 19 A.

Mais participa, que acaba de receber um sortimento de Plasters para aquelles que padecerem de callos e afiança que com o Plaster collocado sobre o callo, o padecente pode calçar, sem se maguar, o calçado mais apertado que tiver.

Caixa de uma duzia 500 rs.; de duas dozias 1000 rs., e avulso 50 reis cada um. (27)

PROMPTO ALLIVIO

PILULAS REGULADORAS

RESOLUTIVO RENOVADOR DE RADWAL.

Recente e directamente recebido de NOVA-YORCK, e que se afiança a boa e legitima qualidade, que se vende pelos preços seguintes:

Prompto allivio 600 reis o frasco.

Resolutivo renovador 1600 rs.

Pilulas reguladoras 600 rs. a caixa.

Folheto do receituário 200 rs.

Deposito em casa de Manoel José Fernandes, Largo dos Penedos n.º 18 e 19 — Braga. (28)

BICHAS

Manoel José Ferreira, com loja de barbeiro na rua dos Chãos n.º 17, tem bichas de sangria, de superior qualidade, para alogar ou vender, promptificando-se a ir deital-as aonde for chamado. (29)

COZINHEIRO.

Carlos dos Santos Pereira, cozinheiro que foi do Caffé Vianna, estando em casa do snr. José Certo declara que recebe todas as encomendas d'este genero encluido pastellaria e gellados por preços razoaveis.

N. B. Tambem vae fazer encomendas ás casas particulares.

Praticante de pharmacia.

Precisa-se para uma Pharmacia d'esta cidade — que tenha 3 ou 4 annos de pratica — a fallar ao administrador d'este jornal.

Officina de esteiras

Rua do Souto n.º 33.

Antonio Marques dos Sanctos, continúa fazendo esteiras para sallas, quartos, egrejas e altares, bem como costura ou pés de cama lizas e bordadas em gosto moderno, eguaes ás das fabricas de Lisboa e Porto: sendo de diversos preços e todos muito commodos.

Tambem faz concertos. (46)

LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 — Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, morador na rua das Agoas, n.º 102, achando-se habilitado pela sua longa estada em França e assiduo estudo, para leccionar francez, annuncia que, por modico estipendio mensal, começará o seu leccionamento no dia 1.º d'Outubro, promettendo desde já habilitar sufficientemente os seus leccionados para o exame final. (7)

ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15. BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados: ENGARRAFADOS

Vinho tinto de meza	450
» » »	490
» Lagrima	200
» Branco de meza	210
» tinto de meza fino	270
» de prova secca	300
» Malvasia de 2.ª	360
» » velho	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500
» Malvasia	500
» Roncão	700
» Alvaralhão	560
» Velho de 1854	600

A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluído o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis por cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

BRAGA: — Typ. de D. G. Gouvea.

Rua Nova de Souza, n.º 45.

LIVRARIA INTERNACIONAL DE EUGENIO CHARDRON LARGO DE S. FRANCISCO-BRAGA.

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Livros religiosos—Mr. Gaume — Onde

Estamos? estudos sobre os actuaes acontecimentos, 1 vol in-8.º 500

Padre Marchal—Missionario apostolico, a mulher como deveria sel-o, 1 vol. 400

Vozes Propheticas ou aparições e predicções—Tiradas principalmente dos Annaes da Egreja a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos, por o padre J. M. Curique, Sacerdote da diocese de Metz, membro correspondente da Sociedade Historia de Nossa Senhora de França, escolhidas e vertidas da lingua franceza para a portugueza, por M. F. M. S. 1 volume. 250

Fabiola ou a Egreja das Catacumbas — Tradução de Mesquita Pimentel, 2 vol. 8.º 1\$200

E' uma das obras mais bellas da litteratura religiosa e das mais eloquentes do sabio cardeal Wisemann.

Direcção para socegar nas suas duvidas as almas timoratas—Pelo R. padre Quadruni Bernabita, traduzido por João Joaquim d'Almeida Braga, 1 volume em 12.º 400

A. Villas-Boas — Os papas dos tempos modernos, grandeza e decadencia do papado nos tres ultimos seculos, 1 volume in-12.º 600

Grande dictionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza, pelo Dr. Fr. Domingos Vieira 17 cadernetas. No prélo mais 6 volumes.

30 volumes e 17 cadernetas.

Edições feitas no anno de 1872 pela livraria d'E. Chardron. Porto e Braga.

C. C. Branco — O carrasco de Victor Hugo José Alves, 1 vol. 500

— A freira no subterraneo, romance historico, 1 volume. 500

— Os amores do Diabo, 1 vol 500

Mata-a ou ella te matará, ou homem-mulher ou mulher-homem, etc., scenas da vida conjugal, 1 vol. 200

Alberto Pimentel—A virtude de Rosina, por Arsenio Houssaye, 1 vol. 400

— Nervosos lymphaticos e sanguineos, 1 volume. 300

Memorias de um caixeiro ou um drama da vida commercial, 1 vol. 600

Ponson du Terrail — Memorias d'uma viuva, 2 volumes. 1\$000

— O Ferreiro da abbadia da côrte de Deus, 4 volumes. 2\$000

(Tomo 3.º e 4.º no prélo).

Julia de Tréœur, por Octave Feuillet, 1 volume. 300

Anthero de Quental — Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza, 1 vol. 200

Theatro de sala—Ensaio de casamento, traducção de João de Deus, 1 vol. 100

— A viuva inconsolavel, traducção de João de Deus. 100

Manoel Pereira Lobato — Os fidalgos do coração d'ouro, 4 vol. 800

Ernesto Pinto d'Almeida—Olympia, 1 vol. in-8.º 400

Candido de Figueiredo—Liberdade de industria nas suas relações com a politica e com a historia da civilização, contendo: — O trabalho. Suas leis. — A liberdade. Sua determinação e economia. — As corporações de artes e officios. — A Revolução franceza e a Economia Politica.—Fundamentos da liberdade industrial.—Argumentos praticos em favor da liberdade de industria.—O estado das alfandegas e a paz universal. — O presente e o futuro do trabalho, 1 vol. in-8.º 300

Satisfaz com brevidade qualquer pedido de livros portuguezes e estrangeiros.